



pelos mares da
**língua
portuguesa 4**

EDS.
ANTÓNIO MANUEL FERREIRA
CARLOS MORAIS
MARIA FERNANDA BRASETE
ROSA LÍDIA COIMBRA





pelos mares da
língua
portuguesa 4

EDS.

ANTÓNIO MANUEL FERREIRA
CARLOS MORAIS
MARIA FERNANDA BRASETE
ROSA LÍDIA COIMBRA



FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Pelos Mares da Língua Portuguesa 4

EDITORES

António Manuel Ferreira
Carlos Morais
Maria Fernanda Brasete
Rosa Lúcia Coimbra

EDITORIA

UA Editora
Universidade de Aveiro
Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia

EDIÇÃO

1.^a edição – dezembro de 2019

ISBN

978-972-789-624-0

GRAFISMO

Grafismos sobre uma imagem criada por Álvaro de Sousa
Arranjo gráfico de Diogo Henriques

APOIOS

universidade de aveiro  dlc departamento de línguas e culturas
cllc centro de línguas, literaturas e culturas

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

FUNDAÇÃO
MÁRIO SOARES

AVERO
CÂMARA
MUNICIPAL

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso

Nota de abertura

O IV Congresso Internacional “Pelos Mares da Língua Portuguesa”, que teve lugar na Universidade de Aveiro, situou-se entre dois marcos importantes para a língua portuguesa: o dia do autor português, a 22 de maio, e o dia de África, a 25 de maio. Pretendeu-se, assim, na linha das três edições anteriores, sublinhar a importância da língua portuguesa como meio de comunicação intercultural.

O programa do congresso incluiu conferências plenárias, mesas-redondas, comunicações livres, pósteres, exposições, distribuídas por quatro painéis temáticos: 1. Pelos mares de África; 2. Pelos mares da América; 3. Pelos mares da Europa; 4. Pelos mares do Oriente. Nesses quatro painéis foram focados os seguintes tópicos: o português, uma língua de comunicação e culturas; diversidades linguísticas, culturais e literárias; a língua portuguesa na era digital; geografias da língua portuguesa – redes de ensino (língua materna, língua segunda, língua estrangeira, língua de herança); roteiros da língua portuguesa (museológicos, científicos, turísticos, literários); diálogos interartes (cinema, música, ilustração, fotografia, pintura, etc.); a língua portuguesa em diálogo com outras línguas; vozes literárias em língua portuguesa: textos, contextos e intertextos; a língua portuguesa nos negócios e na diplomacia.

Da Comissão Científica do evento, para além dos organizadores, fizeram ainda parte os professores Agnaldo Rodrigues da Silva (UNEMAT/AML, Brasil), Alberto Sismondini (Universidade de Coimbra), Álvaro Iriarte Sanromán (Universidade do Minho), Ana Paula Arnaut (Universidade de Coimbra), Andrés J. Pociña López (Universidad de Extremadura, Espanha), Andrés Pociña (Universidad de Granada, Espanha), António Fernando Cascais (Universidade Nova de Lisboa), Aurora López-López (Universidad de Granada, Espanha), Benjamin Abdala Júnior (Universidade de São Paulo, Brasil), Carlos Ascenso André (Universidade de Coimbra / Instituto Politécnico de Macau), Catarina Xu (Universidade de Línguas Estrangeiras de Xangai, China), Cristina Martins (Universidade de Coimbra), David Gibson Frier (University of Leeds,

UK), Elisabeth Battista (UNEMAT, Brasil), Fernanda Cavacas (Ensaísta), Fernando Curopos (Sorbonne Universités, França), Fernando Venâncio (Universiteit van Amsterdam, Holanda), Flavia Maria Corradin (Universidade de São Paulo, Brasil), Francisco Maciel Silveira (Universidade de São Paulo, Brasil), Francisco Topa (Universidade do Porto), Inês Cardoso (York University, Toronto, Canada), Isabel Falé (Universidade Aberta, Lisboa), Isabel Roboredo Seara (Universidade Aberta, Lisboa), João Manuel Nunes Torrão (Universidade de Aveiro), João Nuno Corrêa-Cardoso (Universidade de Coimbra), João Paulo Silvestre (King's College, Londres, UK), José Teixeira (Universidade do Minho), Kathrin Saringen (Universität Wien, Áustria), Luís Filipe Barbeiro (Instituto Politécnico de Leiria), Lurdes de Castro Moutinho (Universidade de Aveiro), Marisa Mendonça (Diretora Executiva do Instituto Internacional da Língua Portuguesa), Martin Neumann (Institut für Romanistik, Universität Hamburg, Alemanha), Martins Mapera (Unizambeze, Moçambique), Miguel Gonçalves (Universidade Católica, Braga), Nobre Roque dos Santos (Unizambeze, Moçambique), Olga Maria Castrillon-Mendes (Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil), Rolf Kemmler (UTAD, Vila Real), Simone Caputo Gomes (Universidade de São Paulo, Brasil), Solange Fiuza (Universidade Federal de Goiás, Brasil), Sónia Catarina Gomes Coelho (UTAD, Vila Real), Tania Celestino Macêdo (USP, Brasil), Tania Martuscelli (University of Colorado Boulder, EUA), Vera Maquêa (Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil) e Xavier Frias Conde (UNED, Espanha).

As comunicações apresentadas, após uma revisão científica por pares, deram origem a duas publicações da responsabilidade dos mesmos elementos que integraram a Comissão Organizadora do evento, o presente *ebook* e um volume, pela editora Peter Lang, intitulado *Pelos Mares da Literatura em Língua Portuguesa*.

Os editores

Índice

- 11 Adrianna Machado Meneguelli
 O roteiro poético-visual de Murilo Mendes
- 17 Aline Bazenga & Lorena Rodrigues
 Usos do clítico *lhe* em variedades do português
- 35 Andrés José Pociña López
 Fontes do léxico do crioulo caboverdiano
- 45 Angelina Paulino Comé
 Desvios gramaticais dos alunos moçambicanos em Língua Portuguesa: norma(s) de língua em uso e estratégias de ensino
- 63 Angelina Comé, Josefina Caetano Ferrete & Tomásia Mataruca Nhazilo
 O Ensino do PLE em Moçambique: referências
- 77 Ângelo Ferreira & António Neto-Mendes
 A timoridade pela língua portuguesa: o caso do Externato de São José durante a ocupação indonésia
- 97 Benjamin Abdala Junior
 Liberdade e censura nos periódicos dos tempos coloniais, a partir de *O signo da ira* (Orlando da Costa) e de *Luuanda* (Luandino Vieira)
- 103 Carlos Rodrigues, Ana Grifo & Emanuel Leite Jr.
 Panorama da investigação em Políticas Públicas na CPLP
- 123 Catarina Santos, Jorge Costa Lopes & Paula Cristina Isidoro
 Vergílio Ferreira: da minha língua vê-se a montanha
- 133 Cleide Inês Wittke & Jossemar de Matos Theisen
 Desenvolvimento da competência de escrita através de gêneros textuais
- 147 Cristina Vieira da Silva & Cláudia Andrade
 Os recursos digitais ao serviço do ensino e aprendizagem da gramática
- 163 Danuza Américo Felipe de Lima
 A Crónica 1344 e seu construtor de passados: visita à produção de Dom Pedro de Barcelos

- 175 Danuza Américo Felipe de Lima & José Luís Pires Laranjeira
A criouliidade na obra de José Eduardo Agualusa
- 181 Delfim Correia da Silva
Viagem da Língua Portuguesa pelo mar “susegad” de Goa: Uma breve perspetiva histórica e sincrónica do estado dos Estudos Portugueses
- 201 Dina Maria Silva Baptista & Sónia Catarina Lopes Estrela
Os desafios da comunicação digital nas PME
- 219 Djair Rodrigues de Souza
O papel da Biblioteca frente à queda de público leitor
- 223 Edyta Jablonka
O onnipresente inglês: moda ou necessidade?
- 235 Eliete Sampaio Farneda & Marina Nédio
A abordagem comunicativa através de gêneros textuais no processo de ensino de Português Língua Estrangeira
- 245 Elisabeth Battista
“Sem o direito fundamental de voltar para casa”: Maria Archer – uma autora portuguesa no exílio
- 257 Emanuel Madalena
Fazer no silêncio catedral: a leitura e a escrita em Jesusalém, de Mia Couto
- 275 Fernando Venâncio
Luís de Camões e Luís Fróis: o Oriente como espaço de renovação para a língua portuguesa
- 283 Filipa Filipe
Pelos mares da América: uma aprendizagem contextualizada da Língua Portuguesa nos Estados Unidos da América
- 297 Giselle Menezes Mendes Cintado
Uma interação sociolinguística através da Gramática Comunicativa com universitários em aulas de PLE: alguns casos de estudo no sul da Andaluzia
- 305 Helena Maria da Silva Santana & Maria do Rosário da Silva Santana
O sonho e a Arte reditos na magia de uma obra: *As Feiticeiras* de António Chagas Rosa e Maria Teresa Horta
- 317 Inês Costa
***Granta África*: uma leitura pós-colonial**
- 339 Irene Mendes
O léxico em textos jornalísticos: da morfologia à semântica

- 343 Isabelle Simões Marques
Navegando pelas línguas: interculturalidade e plurilinguismo literário
- 351 Jerónimo Simão, Hildizina Norberto Dias & Luísa Álvares Pereira
Competências de leitura e escrita em alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico em Moçambique
- 373 José Teixeira
Decálogo de clichês mais ou menos enganadores sobre a língua portuguesa
- 389 Jossemar de Matos Theisen & Cleide Inês Wittke
Estudos dos letramentos: letramento digital e leitura *online* na universidade
- 397 Julio Reis Jatobá
Uma China de distância: a cultura dos PLP em materiais didáticos para o Ensino de PLE
- 411 Juvêncio Sidumo, Ana Margarida Ramos & Martins Mapera
Estratégias de intervenção intercultural no ensino da Língua Portuguesa em Moçambique
- 429 Kathrin Sartingen
Pelos mares do filme lusófono: Navegando, Naufragando, Narrando
- 441 Luciene Lages Silva
Memória, ficção e história na configuração das terras brasílicas por Luiz dos Santos Vilhena
- 453 Luís Filipe Barbeiro
Aprender Língua Portuguesa: do mar de possibilidades aos rochedos de incorreções
- 471 Lurdes de Castro Moutinho & Rosa Lúcia Coimbra
Sociolinguística urbana: um estudo de caso na cidade do Porto
- 483 Manuella Bezerra de Melo
Breviário do Brasil de Agustina-Bessa-Luís: um contributo para a manutenção do olhar colonizador e eurocêntrico no espaço lusófono
- 493 Maria da Nazaré Marques Cardoso, Cecília de Lurdes Falcão & Cláudia Susana Nunes Martins
Os cinco sentidos no diálogo idiomático do Português Europeu com Línguas Estrangeiras
- 507 Maria do Carmo Mendes
“O oceano parece um grande lago”: o mar e a diáspora cabo-verdiana
- 515 Maria João Macário, Cristina Manuela Sá & Cristina Vieira da Silva
Relações entre o Português europeu e as suas variedades internacionais: um estudo com futuros profissionais da Educação

- 531 Maria João Marçalo & Cecília Santanchè
A criação do contexto para o ensino do PLA
- 543 Maria José Dias
Maria Velho da Costa: um mistério glososo
- 553 Maria José Coracini
Linguagem-Trauma e resistência: o caso de moradoras de rua
- 561 Martins José Chelene Mapera
Rir junto é um abraço pelos mares da Língua Portuguesa
- 571 Matilde Gonçalves & Rute Rosa
O suporte digital na leitura e compreensão textual
- 589 Renata Junqueira de Souza, Daniela Maria Segabinazi & Jhennefer Alves Macêdo
Ensino de literatura e letramento literário: as estratégias metacognitivas de leitura e a formação de leitores
- 607 Rosana Baptista dos Santos
Apostamentos sobre o fantástico nos contos de Murilo Rubião e de Mário de Carvalho
- 615 Sérgio de Carvalho Rodrigues
A Identidade Nacional na Poesia de Agostinho Neto: “O Içar da Bandeira” e “A voz Igual”
- 627 Sílvia Ribeiro
Se decausativo em PB e em PE: entre a manutenção e a perda
- 643 Simião Alberto Muhate
Abordagem mitocrítica dos répteis prenunciadores da morte no grupo etno-linguístico dos varhonga
- 659 Tomásia Alícia Mataruca Nhazilo
Representações sociolinguísticas do Português na sua aprendizagem como L2
- 675 Wenjun Gu
Pronomes clíticos na aprendizagem de PLE: um estudo empírico sobre a sua produção por falantes de chinês
- 689 Xavier Frias Conde
O galego dentro do padrão português

Luís de Camões e Luís Fróis: o Oriente como espaço de renovação para a língua portuguesa

FERNANDO VENÂNCIO

Universidade de Amesterdão

1.

Do ponto de vista da História do Léxico, os nossos séculos XVI e XVII são porventura os mais informativos de todos. Várias circunstâncias o explicam. Referirei algumas. O aparecimento de textos impressos veio garantir uma maior preservação da escrita e uma maior influência sobre a língua contemporânea. A própria produção de textos aumenta notavelmente em Quinhentos e explosivamente em Seiscentos. O surgimento em força do teatro quinhentista, com Gil Vicente e Jorge Ferreira de Vasconcelos, permite a primeira documentação de muito léxico patrimonial, claramente de procedência medieval, mas nunca até então posto por escrito.

É nesses dois séculos que se verifica uma aquisição acelerada de léxico culto de compleição latina, com o que se actualiza e enriquece a expressão. Ora bem, neste longo e intenso processo de renovação lexical culta, tiveram um papel de primeira ordem os portugueses que escreviam no Oriente, e nisso terão de destacar-se, como veremos, o poeta Luís de Camões e o jesuíta Luís Fróis.

As nossas grandes obras lexicográficas, é certo, só surgirão em Setecentos, com os monumentais Bluteau e Moraes, um século em que, aliás, a produção impressa baixará abruptamente. Mas tanto o dicionário do quinhentista Jerónimo Cardoso como o do seiscentista Bento Pereira fornecem-nos informação da maior utilidade.

2.

Vamos aqui centrar-nos no léxico da segunda metade de Quinhentos. E, nesse cenário, importa logo superar um erro de paralaxe, compreensível, mas enganador. A percepção que hoje temos da escrita do século XVI não coincide, nem de perto nem de longe, com a percepção contemporânea dessa escrita. Da produção literária, só uma ínfima parte está então disponível ao leitor quinhentista, mesmo se culto. O que um português então lê é muita espiritualidade, e lê-a em edições decerto portuguesas, mas sobretudo em castelhanas, na altura as melhores em todos os sentidos: concepção, impressão, acabamento, esmero linguístico. Em português, há bastante pouco que ler.

Reparemos. O primeiro volume de poesia impresso em Portugal foi o *Cancioneiro* de Resende, em 1516, e o segundo foram *Os Lusíadas* de Camões, em 1572, isto é, 56 anos depois. A poesia era lida em cancioneiros particulares manuscritos, amorosamente copiados, ou então nas excelentes edições de versos castelhanos, também eles depois, por sua vez, avidamente reproduzidos à mão. Fora isso, a preocupação 'literária' do público é muito moderada, e os próprios *Lusíadas* são, na percepção contemporânea, chamados «a história da Índia» do autor Camões, casualmente narrada em verso. Só depois de impressas as *Rimas* de Camões, em edição póstuma, só então são impressos também Sá de Miranda, António Ferreira, outros poetas já falecidos, e Diogo Bernardes.

Em prosa, haviam aparecido impressas as obras de Pedro Nunes, de João de Barros, de Francisco de Holanda, algumas traduções de clássicos, vários sermonários e numerosos relatos de viagem. Mas para o leitor comum contemporâneo, mesmo culto, também tudo isso era dificilmente acessível.

Importa reter essas duas circunstâncias: a escassez de leitura literária em português e a maior abundância dela em castelhano. Isto explicará muito do que aqui se dirá do léxico quinhentista.

Permitam-me uma anotação metodológica. Em matéria de História do Léxico, a primeira documentação dum vocábulo tem particular importância. Mas importa sublinhar, logo também, que uma primeira ocorrência escrita não atesta, habitualmente, um qualquer momento fundador, e é antes a prova da circulação do vocábulo na comunidade falante. De resto, é relativamente comum descobrir-se a presença da palavra em texto anterior, com o que se procede a uma antedatação. Como uma documentação oral será para sempre irrecuperável, e porque dificilmente conheceremos todos os textos impressos ou manuscritos produzidos, qualquer datação será sempre a precária segurança de que dispomos. Voltaremos a estas ponderações metodológicas.

3.

A produção escrita no Oriente gozava, no Reino, de generalizado prestígio. Seja exemplo Fernão Mendes Pinto que, regressado em 1558, se dá conta da fama que lhe granjeara uma carta enviada de Malaca em finais de 1554. Nela descrevia a sua entrada na Companhia de Jesus (que abandonaria dois anos depois) e dava abundante informação sobre os países que conhecera e as gentes que contactara. A carta acabou parcialmente censurada, tendo Rebecca Catz, em obra de 1983, conseguido reconstituí-la com base na versão para italiano. Mendes Pinto entrara em pormenores achados licenciosos e criticara a rapina a que certos portugueses se entregavam.

As qualidades narrativas e expositivas da escrita, e era o caso aqui, garantiam a atenção do público leitor. Demonstração particularmente patente disso vão ser as cartas de Luís Fróis.

O moço Fróis estava empregado no secretariado do rei João III, quando, aos 16 anos, se faz jesuíta e é enviado para Goa. Jamais regressará, permanecendo no Oriente, primeiro em Goa, depois no Japão, até à sua morte em 1597, com 65 anos.

Muito cedo, em Goa, o irmão Fróis dá nas vistas pelo seu talento estilístico e o seu esmero nas informações transmitidas. É-lhe entregue a redacção das 'cartas ânuas', os detalhados relatórios de actividade que cada comunidade de jesuítas enviava, anualmente, para os superiores na Europa. Como outros jesuítas, Fróis compunha também numerosas cartas avulsas, com as últimas novidades sobre os feitos da comunidade, os costumes do povo que a acolhia, os acontecimentos políticos e guerreiros dos reinos em redor.

O público leitor ocidental depressa acabou rendido à qualidade dos produtos que Luís Fróis lhe proporcionava, tanto no original português, rapidamente disputado, copiado e difundido, como nas traduções feitas para castelhano, italiano e latim.

Com o tempo, as cartas dos jesuítas que trabalhavam no Oriente foram sendo reunidas em diversos volumes. Neles, as da autoria do padre Luís Fróis ocupam sempre o mais vasto espaço. As suas mais de 130 cartas, exaradas num estilo envolvente, de grande transparência e relevo, não eram só 'edificantes', como a larga maioria daquelas que os «flujos intensos de intercambio de notícias» (Federico Palomo) estabelecidos por Inácio de Loyola difundiam pelo orbe inteiro. Eram também autêntico trabalho de repórter, de antropólogo, e não raro de sóbrio mas informadíssimo correspondente de guerra, como aconteceu no politicamente convulso Japão, onde missionou nos últimos 34 anos de vida. Aí privava com os grandes do país, falando japonês fluentemente e não regateando a sua visão estratégica. Ele escreve, diz um importante historiador do Japão, «com a penetração e a riqueza de vistas de um homem de Estado».

Foi na parte final dessa longa estadia que redigiu uma volumosíssima *História de Japam*, a mais conhecida das suas obras. Para a sua redacção, Fróis tirou o máximo partido dessas cartas

japonesas. O livro é, até hoje, considerado a mais impressionante história política do Japão do seu século.

Na edição organizada pelo jesuíta José Wicki e publicada pela BN de 1976 a 1984, a obra estende-se por 5 imensos volumes, com um total de 2.580 páginas. A edição em CD-rom, feita nos anos 90 pela Comissão dos Descobrimentos, permite contar 810.000 palavras, o equivalente a 15 vezes *Os Lusíadas*.

4.

Luís Fróis conheceu Fernão Mendes Pinto em Goa. O comerciante era particularmente apreciado nos meios jesuítas por ter privado com Francisco Xavier no Japão.

Para o nosso propósito, é singularmente relevante um outro contacto, mas este incerto: entre Fróis e Luís de Camões. Durante o período de 8 anos que vai de 1554 a 1562, ambos estão em Goa. É verdade que toda a estadia de Camões no Oriente é feita de peripécias e instabilidade. É verdade, também, que, como informa José Eduardo Franco em *O mito dos jesuítas*, as relações de Camões com a Companhia nunca foram as melhores, sendo eloquente o silêncio dos *Lusíadas* sobre a importante acção jesuítica naquelas regiões. E teria sido simples falar dela: um sonho premonitório, ou uma revelação divina, e estava o anacronismo resolvido. Certo é, ainda, que os dois estilos de vida, um estroina, outro ascético, mais os seguramente díspares ambientes frequentados, não proporcionariam grandes encontros.

Mas é difícil conceber que, numa cidade que não era propriamente desmedida, dois intelectuais portugueses pudessem desconhecer-se, e desconhecerem-se mutuamente no excepcional cultivo da forma e do idioma. O crescente renome do narrador jesuíta em Portugal não podia ser ignorada de alguém, como o poeta, que viveria atentíssimo a quantos ecos culturais chegassem do distante Reino. E por força que o inaciano terá tido notícia do poeta que já deixara fama na Pátria e agora vivia por ali, alguém com acesso a vice-reis ou em aberto conflito com eles.

Indesmentível, sim, é o paralelo, e mesmo a confluência, dos dois desempenhos linguísticos. Luís de Camões e Luís Fróis, produzindo no longínquo Oriente, e actuando simultaneamente, difundem e estimulam um léxico culto que, na Metrópole, ainda não circulava em língua portuguesa. Na segunda metade do século XVI, a ribalta foi deles. Vamos observá-lo, centrando-nos no uso do adjectivo.

5.

Camões, sete anos mais velho, foi o primeiro a escrever. Entre 1550 e 1555, produz as primeiras éclogas e elegias, parte delas ainda em Lisboa e parte já na Índia. Nesses poemas, estreia em cenário

português 26 adjectivos de origem latina: *ameno, austero, cálido, cavernoso, cristalino, funesto, gárrulo, inopinado, insano, instável, intempestivo, lânguido, nítido, pálido, pátrio, petulante, pressago, pudico, purpúreo, rápido, refulgente, sanguinolento, sonoro, sórdido, transparente, undoso*.

Digo 'estreia em cenário português', pois todos eles já circulavam entre nós na leitura de poetas castelhanos, com destaque para Mena e Garcilaso, estes em edições impressas muito apreciadas em meios portugueses. Nessas primeiras produções camonianas, identificamos também 8 estreias de materiais de fabrico castelhano: *desusado, diamantino, embravecido, matizado, polvoroso, pressuroso, sobre-humano, sublimado* 'famoso'. Esses poemas só verão letra de imprensa 40 anos depois, já Camões falecido, mas nós sabemo-los cedo conhecidos, pois figuravam em cancioneiros de mão.

Também Fróis, que inicia as suas cartas em 1552, introduz em circulação portuguesa, nos primeiros 10 anos, estes 15 cultismos latinos: *adequado, afectuoso, exacto, expedito, fêrvido, frívolo, infrutífero, jacente, ocorrente, oportuno, opulento, ponderoso, propício, superabundante, unânime*. Ora, todos eles traziam já, também, uns bons decénios de uso em castelhano. Os 10 castelhanismos adjectivais introduzidos por Fróis em toda a sua obra ficam aquém do total de 15 que Camões nacionaliza, mas nem um nem outro são, nesse âmbito, mais activos que os contemporâneos na Pátria. Identifiquei, só na segunda metade de Quinhentos, nada menos que 142 adjectivos de procedência castelhana estreados em obras dos mais diversos escritores (com destaque para João de Barros, Ferreira de Vasconcelos, Fernão Mendes Pinto, Jerónimo Corte-Real) ou acolhidos no dicionário de Cardoso. Vamos, pois, limitar-nos ao exame dos latinismos estreados pelos nossos dois autores. Mas sublinho, ainda, que o utente contemporâneo, mesmo culto, não estaria ocupado em esclarecer a procedência, latina ou castelhana, das novas aquisições. Se é que estava sequer consciente da origem extra-portuguesa delas. A ele interessava-lhe sobretudo o teor culto, erudito e prestigiante dessas formas.

Contei em toda a obra de Luís de Camões 120 estreias adjectivais de origem latina. Desses adjectivos, 6 conservaram-se exclusivos do português e 12 passaram ao castelhano. (Excluimos aqui formações que se conservaram altamente infrequentes, de estatuto quase exclusivamente lexicográfico). Temos, portanto, nada menos que 102 adjectivos latinos camonianos com um passado castelhano. Luís Fróis tomou à sua conta 80 adjectivos latinos, todos eles chegados também pelo castelhano. Não menos curiosa é a sobreposição cronológica de vários contributos de um e de outro. É, com efeito, impraticável decidir quem dos dois se adiantou em 16 dos casos, entre eles *acerbo, diáfano, frágil, sublime e truculento*.

A absorção de tantos materiais latinos pela via castelhana é, historicamente, de todo compreensível e não deve assustar-nos. No século XVI, a presença do castelhano na experiência de leitura do português culto quinhentista era absorvente, e não o era menos a audição, com os

omnipresentes professores, pregadores, cânticos religiosos e cantorias profanas, todos provenientes de Castela, donde chegavam também não poucos refugiados judeus. Ao mesmo tempo, centenas de universitários portugueses frequentavam Salamanca e Alcalá de Hinares, e o dicionário latino e castelhano de Nebrija, de 1492, constituiu, até aos anos de 1560, o único recurso lexicográfico disponível em Portugal. Nestas circunstâncias, a transfusão lexical para o português, sobretudo a de tipo culto, era convidativa e, a bem dizer, inelutável.

Seja claro, igualmente, que nada disto teve a ver com o período filipino, como alguma preguiça intelectual entre nós continua a imaginar. Trata-se dum processo muito mais longo e muito complexo, que se manterá vivo ainda durante um século após a Restauração.

No Oriente desses meados do século XVI, o papel do castelhano na vida diária era comparável ao da Metrópole. Muitos livros religiosos e profanos circulavam em edições castelhanas, e os missionários de fala castelhana eram numerosos também. Como escreve Eduardo Alonso Romo, praticamente todo o pessoal missionário era bilingue, exprimindo-se não raro numa «mezcla híbrida de ambas lenguas». Não era este, sabemos, o caso de Camões e de Fróis, que praticaram na escrita um castelhano de notável qualidade.

6.

Quando trato destas matérias, tento insistir em dois pontos que considero importantes. Primeiro, o castelhano recebe, em autores como Gil Vicente e Camões, uma valorização explicitamente positiva. Segundo, esta maciça castelhanização do léxico culto português pode ser encarada como um projecto patriótico. Tudo indica que o objectivo (por implícito e inconsciente que fosse) era tornar o português um idioma *internacional*, com a apropriação dos conseguintes do castelhano, que então dominava a política e cultura europeias. Desse modo, as produções portuguesas podiam ser consumidas directamente pelo leitor estrangeiro.

Que esse esforço de internacionalização implicava algum *desinvestimento* no nosso léxico exclusivo português, eis o que estava dentro do aceitável. Luís Fróis introduz ainda, na sua escrita, meia-dúzia de adjectivos patrimoniais portugueses (entre eles *afervorado*, *figadal*, *penborado* 'agradecido', *precatado*). Mas já Luís de Camões não estreia, em toda a sua obra, senão um só, *insofrido*, que aparece nos *Lusíadas*, poema em que usou nada menos que 735 adjectivos diferentes. No domínio verbal, a inovação patrimonial de Camões não foi mais famosa: introduziu na escrita dois únicos verbos, *alinhar* e *marejar*. E, em matéria de deverbais regressivos, nem um só estreou, quando o contemporâneo dramaturgo Ferreira de Vasconcelos introduzia 9, numa obra de dimensões comparáveis.

Aproveito para sublinhar quão útil foi, neste mapeamento do léxico português quinhentista, a *Concordância da Obra Toda*, de Camões, feita pelo professor Telmo Verdelho, em 2012. Este magnífico recurso permite-nos um grau de segurança que falta noutros casos, onde somos sempre obrigados a um apelo, precário embora sério, à razoabilidade das nossas conclusões. Merece também público agradecimento um informático galego, Esteban Caamano Castro, que desenhou para mim um programa de alfabetização, ou «debulha», de todas as ocorrências vocabulares de determinado texto.

Aponto, ainda, que existe um bom número de estudos sobre a figura de Luís Fróis, mas nenhum se debruçava, até agora, sobre o seu desempenho linguístico.

Seja anotado, também, que estas figuras fortemente inovadoras acabam sempre por surgir, dotando o idioma do melhor que está disponível em línguas internacionalmente dominantes. O aproveitamento do castelhano terá em António Vieira, no século XVII, mais um decisivo promotor. E os conseguimentos do léxico francês vão encontrar, no século de Oitocentos, dois excelentes divulgadores: o português Almeida Garrett e o brasileiro José de Alencar.

7.

Estou convencido de que a notável concentração de inovações lexicais 'internacionalizantes' no Oriente, e particularmente na Goa desses meados do século XVI, é tudo menos casual. O ambiente cultural reinante na cidade garantia algum à-vontade e alguma ousadia. Temos boas indicações de que, à época, aí se vivia numa descontração e liberdade de pensamento que, no Reino, entretanto haviam desaparecido.

É, de facto, em Goa que Camões redige os maliciosos «Disparates na Índia». É em Goa que Diogo do Couto escreve o libelo impiedoso que é *O soldado práctico*, ele que possui lá uma riquíssima biblioteca e será escolhido como continuador das *Décadas* de Barros. É regressado do Oriente que Mendes Pinto escreve a sua *Peregrinação*, nada branda na apreciação dos comportamentos portugueses naquelas longes terras.

O publicista Eduardo Correia Ribeiro traça o seguinte quadro social e literário goês:

Esta rapaziada que vivia em Goa, longe da Pátria e da família, no intervalo das campanhas contra o Turco (que ocorriam no verão) e muitos com pouco que fazer (no inverno), para além das preleções acima mencionadas e das leituras compulsivas (das quais muito dos clássicos: Ovídio, Horácio, Virgílio), das mulheres e guitarradas, convivendo entre si independentemente das diferenças sociais, devia reinar, divertir-se quanto baste, mesmo quando fazia poesia, sobretudo sátiras, com forte e negativo impacto social na época.

E reproduzo ainda um trecho de Eugenio Asenso, no prefácio da sua edição de *Desengano de perdidos*, de Gaspar de Leão, primeiro arcebispo da cidade, ali impresso em 1573, e de que se achou no Escorial o único exemplar:

Si la India solo hubiese poseído los libros alli impresos, la cultura habría sido monopolio religioso. Pero los excesos de celo de los misioneros jesuítas nos permite vagamente adivinar que los mareantes iban cargados de literatura profana.

Sabe-se, com efeito, que os missionários a bordo das naus lançavam ao mar tudo quanto não fosse literatura piedosa, o que, ainda assim, não impediu que muita outra chegasse a terra indiana.

Existia, pois, em Goa uma comunidade de letrados e, nela, era prestigiante a provocação dos poderosos e do pessoal de negócios.

Camões fez parte dessa comunidade, Fróis não pôde certamente ignorá-la. O Oriente era um espaço de liberdade e de estímulo intelectual. A inovação vocabular internacionalizante vivia também desse clima. Com isso se ia enriquecendo, ano a ano, o idioma do longínquo Reino.

Referências bibliográficas

- Alonso Romo, E. J. (2003). Português, castellano y latín en Japón (1543-1640). *Actas del XXIII Congreso Internacional de Lingüística Y Filología Románica*, vol. 5, 3-16.
- Catz, R. (1983). *Cartas de Fernão Mendes Pinto e outros documentos*. Lisboa: Presença.
- Franco, J. E. (2006). *O mito dos Jesuítas em Portugal, no Brasil e no Oriente (Séculos XVI a XX)*, vol. I. Lisboa: Gradiva.
- Fróis, L. (1976-1984). *Historia de Japam*, ed. José Wicki, 5 volumes. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- García, J. M. (ed.) (1997). *Cartas que os padres e irmãos da Companhia de Iesus escreuerão dos Reynos de Iapão e China aos da mesma Companhia da India, e Europa, des do anno de 1549 até o de 1580* [Évora, 1598]. Maia: Castoliva Editora.
- Leão, Dom Gaspar de (1573/1958). *Desengano de perdidos*, ed. Eugenio Asenso. Coimbra.
- Palomo, F. (2005). Corregir letras para unir espíritus. Los jesuitas y las cartas edificantes en el Portugal del siglo XVI. *Cuadernos de Historia Moderna. Anejos*, IV, 57-81.
- Ribeiro, E. A. C. (2008). Camões "nas partes da China". *Labirintos*, Universidade Estadual de Feira de Santana, n.º 3.
- Venâncio, F. (2016). O português como língua de Camões é um mito, Isabel Salema (red.). *Público*, 20-IV-2016. Disponível em: <www.publico.pt/2016/04/20/culturaipsilon/noticia/o-portugues-como-lingua-de-camoes-e-um-mito-1729480>
- Venâncio, F. (2019). O léxico patrimonial no quinhentismo português. In Ernestina Carrilho e. a. (orgs.). *Estudos linguísticos e filológicos oferecidos a Ivo Castro*, ebook (pp. 1541-1560). Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- Verdelho, T. (2012). *Luís de Camões, Concordância da obra toda*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos.
- VV.AA. (1598). *Cartas que os padres e irmãos da Companhia de Iesus que andão nos Reynos de Iapão escreuerão aos da mesma Companhia da India e Europa des do anno de 1549 até o de 1580*. Évora.